

Ricupero defende controle de capital externo

É preciso impedir que a valorização do real dificulte a exportação, diz o diplomata

ROLF KUNTZ

O governo deveria controlar o ingresso de capitais e ter maior ousadia na redução de juros, disse ontem o embaixador Rubens Ricupero, secretário-geral da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad) e ex-ministro da Fazenda. As duas medidas, segundo ele, ajudariam o crescimento econômico. O governo argentino tomou a dianteira ao anunciar que os capitais aplicados no país terão de permanecer pelo menos por 180 dias, observou o diplomata. O ministro da Fazenda e seus assessores mais próximos já haviam dito que uma política desse tipo não é necessária ao País.

"O Brasil tem de defender o câmbio", disse Ricupero. "Defender o câmbio" significa impedir que o real se valorize em excesso, diante das outras moedas. Quando o real se

valoriza, os produtos brasileiros ficam mais caros para o comprador estrangeiro, enquanto os produtos estrangeiros ficam mais baratos no Brasil. Isso dificulta os negócios das empresas brasileiras e reduz o saldo comercial. Depois, capitais de curto prazo podem sair do País a qualquer instante, criando instabilidade no balanço de pagamentos.

Tudo isto resume a argumentação de Ricupero e de outros defensores do controle de entrada de capitais. Se o Brasil não seguir o exemplo argentino, disse o diplomata, o real tenderá a valorizar-se em relação ao peso e também o comércio entre as duas maiores economias do Mercosul ficará de novo desequilibrado.

Esses riscos não são ignorados pelos economistas do governo, mas neste momento, argumentam, capitais de curto prazo não representam perigo e são benéficos às contas do País. Além disso, o BC trabalha com meta de inflação, mas não com meta de câmbio, repetiu ontem o presidente do BC, Henrique Meirelles.

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, segundo Ricupero, fez o que era necessário nos primeiros meses de mandato, procurando vencer as pressões inflacionárias e a instabilidade cambial que marcaram a transição política. Agora, no entanto, a valorização do real passa a representar um risco. "Em algum momento", acrescentou, "o governo terá de ser mais ousado com os juros." As pressões inflacionárias, segundo o diplomata, provêm atualmente de choques de oferta, como o reajuste das tarifas de serviços públi-

cos, e não do lado da procura. Juros elevados, continuou, produzem pouco ou nenhum efeito contra esse tipo de pressão e causam danos consideráveis à atividade econômica.

"Sem retomar o crescimento eco-

nômico", disse Ricupero, "não há como elevar a produtividade da economia." O que se tem de fazer para ganhar competitividade, portanto, é repor o País em crescimento, investir mais, aumentar e diversificar a oferta de produtos exportáveis, que atualmente compõem uma pauta "pobre".

O Brasil, afirmou, não deve depender só das negociações como as da Alca e da OMC para resolver problemas de comércio exterior, porque as grandes economias tenderão a manter barreiras aos produtos em que o Brasil é mais competitivo. Ricupero participou ontem do Encontro sobre Competitividade do Brasil, promovido pelo Fórum Econômico Mundial, em São Paulo.

'BASIL
TEM DE
DEFENDER O
CÂMBIO'